



clique para imprimir este documento

Da integração semântica de *ir*+infinitivo no sistema dos verbos modais numa perspectiva de descrição semântica no âmbito de uma teoria de ação

Thomas Johnen
(Université de Picardie, Amiens/ França
& Universität Rostock/ Alemanha)

1. O verbo *ir*+infinitivo e o futuro: entre temporalidade e modalidade

A maioria dos autores, dicionários e gramáticas considera o verbo *ir*+infinitivo como auxiliar temporal - em geral considerando que serve para expressar um "futuro imediato" ou "próximo"¹ - mesmo se a compatibilidade de *ir* com indicações temporais de futuro remoto como em (1) já foi comprovado por vários autores.²

(1) Daqui a 1 bilhão de anos, o sol **vai** se **apagar**...
(WAGNER, Fred: «Os bichos, em: *Zero Hora* No.12037 (01/08/1998, 2P11)

Poucos autores consideram *ir* como auxiliar de aspecto³ ou como verbo modal⁴. Os autores que consideram o verbo *ir* como verbo modal, porém, com exceção de Almeida (1980, 200-201), que inclui apenas *ir* no imperativo nos verbos modais⁵, não justificam esta classificação. As classificações divergentes refletem também a discussão sobre o estatuto do futuro, i.e. se pertence à categoria do tempo ou à categoria de modo. Enquanto a gramaticografia do português tradicional opta pela inclusão na categoria de tempo (cf. Siqueira, 1987, 417-421; Silva 1997, 7; 50-65) e considera usos modais no máximo como exceções (cf. o «futuro problemático» em Ali, ⁴1964, 319), há outros autores como Mattoso Câmara, Boléo (1965, 100) e Mateus/ Brito/ Duarte/ Faria (²1989, 86-89) que consideram a expressão de modalidade como básica e a de tempo como derivada. Assim defende Câmara (1957, 223) apresentando argumentos funcionais e diacrônicos: «o advento da categoria de futuro não é determinado pela necessidade da expressão temporal; concretizam-no certas necessidades modais, de sorte que o futuro começa como 'modo' muito mais do que como tempo». Uma posição intermediária mantém Coseriu (1957, 13-14) - considerando que «el futuro concretamente vivido es necesariamente un tiempo modal» - e Silva (1997, 62) que fala de uma «sobreposição *modal/temporal*». Rosa (1994, 139) estabelece a distinção entre 'futuridade' como categoria temporal e 'futuro' como categoria morfológica designando o 'futuro do presente do indicativo' (doravante INF*e*) como quase-modos. Há ainda outros autores como Sten (1973, 36) e Baleeiro (1988, 71) que consideram a temporalidade como básica no futuro e falam de certos usos modais que consideram derivados da função temporal. Hlibowicka-Weglarz (nestas atas) constata que "em português muito mais freqüentes que o valor temporal futuro são seus usos modais, isto é, usos em que não se trata de situar um acontecimento lingüístico em determinado ponto na linha do tempo, mas de exprimir as disposições íntimas do indivíduo que fala».

Ao nosso ver, o futuro é um ponto de contato entre as categorias de tempo e de modo, tendo também uma interface com a categoria do aspecto pela sua localização no processo acional cerca da execução da ação. No entanto, a questão que se impõe no caso do verbo *ir*+infinitivo é se a designação de futuridade é a sua função primordial ou se o fato de *ir* poder designar futuridade resulta da semântica deste verbo e é, portanto, um fato secundário como nos verbos modais *dever*, *ter de* e *ter que* que chegaram a ser considerados auxiliares temporais entre outros por Ilari (1997, 33).

2. *Ir* no sistema dos verbos modais numa descrição acional

É interessante observar que as categorias expressas através do futuro que Hlibowicka-Weglarz (nestas atas) menciona são categorias acionais como desejos, planos e intenções. Assim, analisando a semântica do verbo *ir*+infinitivo sob o ângulo da teoria de ação, verifica-se que *ir* se insere - com exceção do uso no pretérito perfeito do indicativo - no sistema semântico dos verbos modais, e isso nos dois usos que chamamos 'de orientação acional'⁶ e 'epistêmico'. Seguindo a descrição semântica de verbos modais no âmbito de uma teoria de ação, elaborada para os verbos modais do alemão por Brünner/ Redder (1983) que é bem aplicável aos verbos modais portugueses como demonstramos em Johnen (1992), já que se pode verificar uma grande convergência com as descrições semânticas elaboradas por Oliveira (1988), os verbos modais no emprego não-epistêmico pertencem a dois grupos semânticos: um grupo que designa *objetivos acionais* (pertencem a este sub-grupo em português além de *ir* ao menos: *querer, desejar, pretender, tencionar, pensar em, gostar de, haver de*); o outro grupo qualifica e pondera alternativas de ação (em português ao menos: *poder, saber, ser capaz de, dever, precisar (de), ter de, ter que* e como verbos modais impessoais: *cabem, convir, cumprir, dar para, haver que, relevar, ser de, ser lícito, ser mister, ser necessário, ser possível, ser preciso*).

Os verbos modais que designam um objetivo acional se distinguem entre si quanto à:

- posição nas fases do processo de ação
- (não-)identidade entre agente formador do objetivo acional e agente realizador de objetivo acional
- motivação e/ou gênese do objetivo acional
- certeza do objetivo acional
- questão se o objetivo acional está situado dentro o fora do espaço controlado pelo agente

Os verbos modais que qualificam e ponderam alternativas de ação distinguem-se na tematização de três questões:

- a questão em que se baseia a existência da alternativa de ação em questão
- a questão qual é o peso atribuído à alternativa de ação em questão em relação as outras alternativas possíveis, presentes no estoque de conhecimentos dos parceiros de comunicação
- a questão, de que resulta o peso atribuído à alternativa de ação em questão.

Os verbos modais epistêmicos diferenciam se:

- quanto à gênese da qualificação epistêmica, se é evidencial (*pretender e parecer*) ou inferencial (*poder, dever, ter de, ter que e não precisar*)
- quanto ao tipo da inferência resp. da fonte da evidência
- quanto à probabilidade do estado de coisas tematizado (apenas os verbos modais epistêmicos-inferenciais).

2.1 A localização dos verbos modais nas fases do processo acional

É analisando o processo de ação que se torna óbvio o interrelacionamento dos verbos modais de orientação acional de ambos sub-grupos e os verbos modais epistêmicos. É possível, seguindo as propostas de Rehbein (1975) e de Wunderlich (1981), distinguir sete fases dentro do processo de ação.

A primeira é de avaliação e de orientação. É a fase de percepção, de identificação e de avaliação do contexto em que se baseia a ação. São relacionados a esta fase os verbos modais epistêmicos por servirem para marcar julgamentos sobre os estados de coisas relevantes, é relacionado a esta fase também o verbo modal *gostar de* que se refere ao sistema de preferências acionais latentes do agente. Estas preferências fazem parte das coordenadas do contexto inicial.

A segunda fase é a fase de motivação. Esta fase pode ser entendida, segundo Davidson (1980/1990, 146), como *julgamento prima-facie* que a ação tematizada é desejável

por ter certas propriedades (sem considerar efeitos ou implicações negativas, e a questão se a ação é realizável). Fica em aberto, então, se o agente forma a intenção de realização do objetivo. Relacionado a esta fase é o verbo modal *desejar* que não é marcado quanto à realizabilidade da ação. Outros verbos que são relacionados a esta fase são *almejar* e *sonhar*. Estes dois verbos marcam, porém, que o objetivo acional está fora do espaço controlado do agente.

A terceira fase é a fase da definição do objetivo acional dividindo-se em duas sub-fases: a da formação do objetivo acional (*pensar, pensar em, cogitar de*) e a da formação da intenção (*tencionar, propor-se a*).

Conforme as reflexões de Hare (1971/1985, 264), não basta a formação da intenção, mas é preciso também uma decisão de realização da intenção. É interessante que para esta fase existem somente verbos que descrevem o ato da decisão como *resolver* e *decidir*.

Depois da decisão de realização segue a fase da planificação. O verbo modal *pretender* localiza o objetivo acional posterior à formação da intenção, mas anterior à planificação. Para se referir a um objetivo acional localizado na fase de planificação é possível usar *planejar*. Nesta fase são também importantes os verbos modais de orientação acional que qualificam e ponderam alternativas acionais como: *saber, poder, ser capaz de, dar para, dever, precisar (de), ter de/ ter que*, pois o que importa nesta fase é decidir quais as alternativas a eleger em vista do objetivo acional.

Depois da fase de planificação segue a fase da execução iniciada pela sub-fase de decisão de execução. A esta fase se pode referir com *ir*. Este verbo modal marca que a decisão de execução já foi feita. O verbo modal *haver de*, no entanto, marca que o objetivo acional tematizado é situado entre a formação da intenção e antes da decisão da execução⁷. Os verbos *buscar* e *procurar* localizam o objetivo acional também na fase de execução, mas depois da sub-fase de decisão da execução. Esta fase é caracterizada pela re-planificação e adaptação permanentes das ações necessárias para realizar o objetivo acional.

A última fase é a fase do resultado. A esta fase se pode referir com um verbo modal designando um objetivo acional em combinação com um verbo de estado ou um verbo resultativo como p.ex. *querer ter, querer achar, querer receber*. Neste caso o objetivo acional é tematizado desde a perspectiva do resultado a alcançar acionalmente.

Querer é o único verbo modal designando um objetivo acional não-marcado quanto à fase dentro do processo acional.

A localização dos verbos modais dentro do processo acional deixa claro que os verbos que designam um objetivo acional e os verbos modais que qualificam e ponderam alternativas acionais são intrinsecamente inter-relacionados, pois é em vista de um objetivo acional que se torna necessário eleger sub-ações que levam a realização do objetivo.

Um outro aspecto é que esta análise torna evidente também os efeitos pragmáticos dos verbos modais designando objetivos acionais, ou seja, designando um objetivo acional com verbos como *gostar de* no condicional ou *desejar* e localizando-o assim na fase de motivação, o falante evita impor o seu objetivo acional ao seu parceiro de comunicação como algo definitivo.

3. A semântica do verbo *ir*+infinitivo como verbo modal

A nossa tese é então que o verbo *ir* se insere no grupo dos verbos modais de orientação acional que descreve objetivos acionais e, no caso de ausência de um agente formador de objetivo acional designa uma avaliação epistêmica. Com verbos com ênfase na fase do resultado e com verbos designando processos e eventos sobre os quais o agente não tem controle estamos diante uma certa ambiguidade entre os usos de orientação acional e epistêmico.

(2) **Vou procurar e achá-lo**

Enquanto, em relação a *procurar*, o uso é sem dúvida *de orientação acional* ou mesmo já não vale para *achar*, que é um verbo resultativo, pois o falante de (2) não tem controle sobre o evento designado pelo verbo *achar*. Então, trata-se aqui do uso epistêmico, pois designa a convicção que o resultado *achar* será realidade no momento $t_x > t_o$. Do outro lado implica se também que o falante é decidido fazer tudo que lhe é possível para alcançar o resultado *achar*. Em certa medida se trata aqui de uma co-atualização dos dois esquemas cognitivos modais básicos, o epistêmico e o de orientação acional.

Outro fato que mostra a inserção de *ir* no sistema dos verbos modais epistêmicos é o fato de o *ir* epistêmico usar-se em variação com outros verbos modais epistêmicos e INFei epistêmico como em (3) e (4) ou co-ocorre com circunstanciais epistêmicos como *sem dúvida* em (5):

(3) Consultor diz que tendência da inflação é voltar a subir **São Paulo (AE)** - A inflação este mês **deve ficar** em torno de 2%, prevêem economistas ligados à Ordem dos Economistas de São Paulo, que realizou uma pesquisa entre profissionais da área. O Índice de Preço ao Consumidor (IPC) da Fipe, segundo os entrevistados, **deve subir** 2% em setembro e o IGP-M da Faculdade Getúlio Vargas **deverá subir** 1,76%. Nos próximos meses, a taxa **deverá ser** um pouco mais alta, prevêem 50% dos entrevistados. Para 40%, a inflação **vai ficar** estável nos próximos dois meses.

Segundo 55% dos economistas, dezembro **será** o mês em que o governo **terá** mais dificuldades para segurar os aumentos de preços (*Tribuna da Bahia* No. 8127 (07/09/1994), 7).

(4) - Ele **não vai passar** aqui **não**, minha filha, o Quino, disse Iriarte, ele tem tino e senso, ele **deve ter percebido** a guarda que está montando à esquina do hotel aquele vaqueiro e chachorreiro do finado Claudomiro (Callado, *Sempreviva*, 281)

(5) O pouco conhecimento existente no Brasil acerca da história de povos outros que não os europeus justifica a edição do trabalho que **irá, sem dúvida, preencher** uma lacuna até hoje existente e *permitir* o estudo metodizado da evolução histórica dos povos árabes (Reichert, *Atlas*, texto de capa)

No uso de orientação acional, propomos a descrição de sentido básico seguinte:

ir designa o objetivo acional do agente que - dependendo do contexto - mantém o controle sobre o espaço acional, ou que pelo menos, possui conhecimentos que o capacitam de estabelecer um objetivo acional. (*Ir*, portanto, é não-marcado em relação à identidade do agente realizador de objetivo acional com o agente formador do objetivo acional). A formação do objetivo acional pelo agente controlador do espaço acional, implica um grau elevado de certeza quanto à realização do objetivo acional. No processo acional, *ir* localiza-se entre a decisão de execução e a execução iminente.

Explicaremos a seguir os elementos constitutivos do sentido básico de *ir*.

a) a localização no processo acional

A localização de *ir* no processo acional depois da decisão de execução e o fato de *ir* presupor um plano acional evidencia a análise deste verbo em comunicações autênticas como no exemplo a seguir que é uma transcrição duma conversa entre uma agente de agência de viagem de Florianópolis (S, 25 anos) e uma cliente (C, 50 anos). Nessa comunicação a agente se refere ao plano acional implícito:

(6) C: vocês não aceitam mais cartão?/ não é?

S: não./ as companhias aéreas suspenderam compras com cartões.

C: é fogo mesmo./ agora não serve mais quase prá nada./ esses cartões.

S: pois é. você **vai pagar** em cheque?

C: é sim.

S: dá duzentos e setenta e quatro mil cruzados (Luna, 1990, 173)

Em (7) - um diálogo numa farmácia de Florianópolis - o cliente marca a sua decisão com *ir*.

- (7) -O senhor?
- Queria saber o preço dessas fraldas aí.
- 29.
- **Vou levar 2.**
- Só?
- Só (Zornig, 1987, 118).

Os exemplos (6) e (7) mostram também que *ir* pode anteceder da execução iminente da ação. Esta antecedência da execução iminente, porém, é somente opcional, pois *ir* não sofre as mesmas restrições quanto aos atos de fala *promessa* e *asseguramento* que Bündgen (1996, 70) constata em relação ao verbo francês *aller*.

(8)* Je **vais t'aimer** toute ma vie (Bündgen, 1996, 73).

(9)Eu **vou** te **amar** toda a minha vida.

(10)-Il faut que tu sois là à huit heures.

- * Je **vais y être** (Bündgen, 1996, 73)

(11)-Você precisa estar lá às oito horas.

-Pode deixar que **vou estar** lá às oito em ponto.

(12)O ministro **garantiu às mulheres que** o governo **vai tentar aprovar** na Câmara, ainda este ano, a Convenção Relativa à Proteção em Matéria de Adoção Internacional, o que regulamentará a saída de crianças de um país para outro⁸

b) a (não-)identidade do agente realizador do objetivo acional com o agente formador de objetivo acional

O fato de *ir* poder ser utilizado também para realizar atos de fala diretivos - tanto no imperativo como em (13) quanto no presente do indicativo como no diálogo entre uma médica e um paciente transcrito em (14)-(15) - mostra que, no caso de *ir*, apenas o contexto decide se o agente formador de objetivo acional é idêntico com o agente realizador de objetivo acional.

(13)**fm2:** agora *não vá* ficar com a idéia de que eu não (.) (,) não sou que não quero (') (,) realmente não (.) ... não vou tratar do seu coração nem medir-lhe a tensão tem que ir ao esp ao médico especializado (') (Meyer-Hermann, 1979, *Band XV, grün*, 131-132).

(14)**Pt.:** Dói muito assim em mim.

Dr.: Dor de cabeça? ... Tá/ o senhor **vai** *deitar* ali pra eu examinar o senhor ... Não tá vomitando né?/ (Assis, 1994, 59)

(15)**Pt.:** A minha cabeça tá doendo demais/

Dr.: ... O senhor tá com a pressão um pouco alta viu seu Gumerindo, por isso é que o senhor tá com a tontura e a dor de cabeça/ **vai** *tomar* a medicação tá?/ **Vai** *fazer* os exames/

Pt.: Certo/Aí tem a receita e o pedido de exame e o atestado e tudo, né? (Assis, 1994, 62)

c) o agente formador de objetivo acional

Em (14) e (15) a médica é o agente formador de objetivo acional e é ela que controla o espaço acional. No entanto, a questão se o espaço acional é controlado pelo agente formador de objetivo acional, também é uma variante do contexto. Pois *ir* pode ser também usado para a realização de instruções como no exemplo (16) - um diálogo entre uma agente de uma agência de viagem de Florianópolis (S, 30 anos) e uma cliente (C, 35 anos):

(16) S: pro passaporte você **vai precisar** disso aqui./ oh./ um formulário próprio./ assinado./ né?

C: unhum

S: bom./ esse formulário aqui é um guia do./ esse formulário./ você **vai assinar**./ você **vai preencher** lá./ diretamente na Polícia Federal./ você **vai assinar** lá.

C: Assino lá isso aqui? (Luna, 1990, 170)

S em (16) possui os conhecimentos necessários para pedir um passaporte na Polícia Federal. No primeiro turno S dá para C uma informação geral modalizada por um *ir* epistêmico (*vai precisar um formulário próprio assinado*). Como C demonstra através do sinal de ouvinte 'unhum' uma certa incerteza, S retoma o tema e explica usando *ir* no uso de orientação acional num estilo informal-instrutivo as ações necessárias para pedir um passaporte. Estas ações são objetivos acionais parciais para a realização do objetivo acional superior do pedido de passaporte. S em (16) possui, portanto, conhecimentos, que a capacitam de estabelecer objetivos acionais parciais. No contexto de (16) S não mantém uma posição social superior a C, nem controla o espaço acional. São apenas seus conhecimentos que a capacitam de atuar como agente formador de objetivo acional.

Deve ser por causa dessa indeterminação do agente formador de objetivo acional que *ir* na primeira pessoa do plural do Presente do Indicativo pode ser usado para perguntas interativas de formação de objetivo acional como em (17), assim como para propostas de ação como em (18)-(20), para a determinação de ações como em (21) ou apelos como em (22)-(23). (22) e (23) são transcrições de pregões de feira, portanto apelos para comprar.

(17) **Vamos ir** naquela exposição de Sebastião Salgado hoje a noite? Vamos? Queria tanto ver aquela exposição.

(18) o que que vai acontecer... se... na realidade... eu tiver uma solução em que esse produto é menor que TS? que que essa solução tem? **vamos supor**... estou mostrando aqui um... vidro... totalmente preto [...] (NURC-RJ, EF, 18)

(19) L₁ - Olha **vamos fazer** o negócio por escrito.

L₂ - Não precisa, eu confio.

L₁ - Olha, **vamo fazê** um documento que não custa.

L₂ - Já falei que confio!...

L₁ - Mas não deve. 'Amigos, amigos; negócios à parte'. **Vamo pô** no papel.

L₂ - Tá bom. Escreve os termos que eu assino (Albuquerque, 1989, 170)

(20) **PALHAÇO: Vamos descansar** um pouco, que o cemitério é longe (Suassuna, *Auto*, 190).

(21) **BISPO: Vamos deixar** de brincadeiras. O senhor sabe perfeitamente a que estou me referindo. Por quê chamou a mulher dêle de cachorra? (Suassuna, *Auto*, 75).

(22) Ah. Não **vamos tomar** água, água engorda. **Vamo usá** o suco natural da laranja. **Vamos bebê** laranja (W.A.G.P.M. e Silva, 1980, 33).

(23) **Vamo comprá. Vamo comprá. Vamo comprá** que tá barato. Tá barato porque minha sogra bateu as bota (id., 34)

4. Conclusão

Demonstramos que o verbo *ir*+infinitivo se insere semânticamente no sistema dos verbos modais e que uma análise semântica com parâmetros da teoria ação possui uma capacidade explicativa para os diferentes usos, explicando como estes usos são relacionados com o sentido básico.

O exemplo seguinte -um trecho de uma conversação telefônica em que L1 pede a L2 de costurar para ela uma calça- demonstra que a análise num âmbito de uma teoria acional também é capaz de analisar bem as funções discursivas de *ir* assim como que a escolha do locutor entre *ir* e o Presente do Indicativo não modalizado não depende de parâmetros temporais, mas acionais. No momento transcrito em (24) as interlocutoras estão já de acordo sobre o projeto:

- (24) L2 - eu **vou comprar** os tecidos... o tecido branco e tudo e **eu lhe aviso**... está bom?
 L1 - está certo está bom V [... ((os interlocutores terminam um outro assunto))]
 L2 - está bom B um cheirão pra você viu
 L1 - outro
 L2 - até... assim que **estiver** pronto eu lhe **aviso**
 L1 - está certo tá
 L2 - tchau
 L1 - tchau (A. da Silva, 1997, 205)

L2 usa *vou* para marcar a decisão e demonstrar que está de acordo com o plano negociado. O fato marcado por *aviso*, temporalmente vem depois do fato designado pelo *vou comprar*. Porém, a locutora se contenta em usar somente o Presente de Indicativo. Isso se explica pelo fato que a ação de *avisar* faz parte do *script* da ação 'costurar uma calça para uma amiga'. Portanto, não é necessário neste caso marcar uma decisão através de uma modalização com *ir*.

Outras evidências de que em *ir* não é o valor temporal de futuro que é primordial advêm:

a) do fato de que o paradigma conjugacional do verbo é bastante completo - apenas as formas do Pretérito Perfeito do Indicativo não se inserem na semântica modal. Cabe por exemplo perguntar como é possível um auxiliar de futuro poder ter no seu paradigma conjugacional incluídos formas como INFei (25) e o imperativo (13):

(25) Feith diz que *não irá reduzir* sua programação para 98 - que prevê o lançamento de 60 títulos-, pois os contratos já estavam fechados (*Folha de S. Paulo*, No. 25320 (30/07/1998), 4 7.)

b) da sua cadeia de gramaticalização:

a fonte lexical do verbo modal *ir* é o verbo de movimento *ir*, descrevendo no sentido mais concreto o movimento de A para B. Num segundo estágio já mais gramaticalizado, *ir* surge junto com um infinitivo em vez de um circunstancial local. Neste estágio *ir* já representa um andativo (cf. Bybee/Perkins/ Pagliuca, 1994, 320) designa um movimento com o objetivo de realizar a ação designado no infinitivo (cf. Leys, 1996). No próximo estágio de gramaticalização *ir* já não designa nenhum movimento, mas somente um objetivo acional formando uma variante modal (respectivamente visualisa, nas formas do Pretérito Perfeito do Indicativo, um processo, uma ação do passado - formando uma variante aspectual). O estágio seguinte, o da variante epistêmica, abstrai ainda do agente.

Bibliografia

1. Corpus (exemplos citados)

1.1 Corpora do português falado

Albuquerque, Maria Helena Trenche de, *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*, Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP-FFLCH 1989, p. 166-178.

Assis, Ana Antônia, "Hearings and mishearings: a case study of Brazilian doctor-patient communication", *Polifonia 1* (Cuiabá, 1994), p. 39-68.

Luna, José Marcelo Freitas de, *Brazilian-Portuguese and British-English Service Encounters: A Contrastive Genre Analysis*, Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC-Inglês, 1990, p. 157-173; 206-217.

Meyer-Hermann, Reinhard, *Studien zur Funktion von Metakommunikation (am Beispiel gesprochener portugiesischer und französischer Texte), Teil IV (Texte)*, Bielefeld, Habilitationsschrift [Tese de Livre-Docência], Universität Bielefeld, 1979.

NURC-RJ, EF

Callou, Dinah (ed.), *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: Materiais para seu estudo, vol. 1, Elocuções formais*, Rio de Janeiro, UFRJ-Faculdade de Letras, 1991.

Silva, Ademar da, *A expressão da futuridade na língua falada*, Tese de Doutorado, Campinas, Unicamp/IEL, 1997, p. 200-263.

Silva, Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e, *Uma contribuição para a etnografia da fala: pregões nas feiras livres da cidade de São Paulo*, Tese, Campinas, Unicamp/IEL, 1980.

Zornig, Dirce Fischer, *Politeness: Brazilian-Portuguese Requests in Service Encounters*, Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC-Inglês, 1987, p. 94-127.

1.2. Português escrito

Callado, Antonio, *Sempre viva*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 3ª ed., 1981.

Reichert, Rolf, *Atlas histórico regional do mundo árabe: mapas e resumo cronológico; A Historical and Regional Atlas of the Arabic World; Maps and Chronological Survey*, Salvador, UFBA-Centro de Estudos Afro-orientais, 1969.

Suassuna, Ariano, *Auto da Compadecida* (=Teatro Moderno 3), Rio de Janeiro, AGIR, 1967.

Imprensa:

O Estado de S.Paulo 28268 (São Paulo, 28/07/1998).

Folha de S. Paulo 25320 (São Paulo, 30/07/1998).

Tribuna da Bahia 8127 (Salvador, BA, 07/09/1994).

Zero Hora 12037 (Porto Alegre, RS, 01/08/1998).

2. Pesquisa lingüística

Ali, Manuel Said, *Gramática Secundária da Língua Portuguesa, Edição revista pelo Prof. Evanildo Bechara*, São Paulo, Melhoramentos, 1964, 4ªed.

Almeida, João de, *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*, Assis, São Paulo,

Hucitec, 1980.

André, Hildebrando A. de, *Gramática ilustrada*, São Paulo, Editora Moderna, 2ª ed., 1982.

Azeredo, José Carlos de, *Iniciação à Sintaxe do Português* (=Col. Letras), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

Baleeiro, Maria Isaura de Andrade, *O futuro do presente do português culto falado em São Paulo*, Dissertação de Mestrado, Campinas, Unicamp/IEL, 1988.

Barroso, Henrique, *O Aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo visão funcional/ sincrónica* (=Col. Mundo de Saberes 5), Porto, Porto Editora, 1994.

Boléo, Manoel de Paiva, "Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português", *Biblos* 41 (Coimbra, 1965), p. 87-115.

Borba, Francisco da Silva (ed.), *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, São Paulo, Editora da UNESP 1991, 2ªed.

Bündgen, Martin, "Zur pragmatischen Bedeutung der deutschen und französischen Futura", *Nouveaux Cahiers d'Allemand* 14 (Nancy, 1996), p. 61-78.

Brünner, Gisela/ Redder, Angelika, *Studien zur Verwendung der Modalverben mit einem Beitrag von Dieter Wunderlich* (=Studien zur Deutschen Grammatik, vol. 19), Tübingen, Narr, 1983.

Bybee, Joan L., "Semantic Substance vs. Contrast in the Development of Grammatical Meaning", *Berkeley Linguistics Society: Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting February, 13-15, 1988; General and Parasession on Grammaticalization* (eds. Shelley Axmaker, Annie Jaissner, Helen Singmaster), Berkeley, Cal., BLS, p. 247-265.

Bybee, Joan [L.]/ Perkins, Revere/ Pagluica, William, *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World*, Chicago, London, Chicago University Press, 1994.

Câmara Jr., J. Mattoso, "Sobre o futuro romance", *Revista brasileira de filologia* 3 (Rio de Janeiro, 1957), p. 221-225.

Castilho, Ataliba Texeira de, "Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa", *Alfa* 12 (Marília, 1967), p. 11-135.

Coseriu, Eugenio, "Sobre el futuro romance", *Revista brasileira de filologia* 3 (Rio de Janeiro, 1957), p. 1-18.

Costa, Alabano Dias da, "Periphrastic verbal expression in Portuguese", *Readings in Portuguese Linguistics* (=North-Holland Linguistic Series 22) (ed. Jürgen Schmidt-Radefeldt), Amsterdam, New York, Oxford, North Holland, 1976, p. 187-243.

Cunha, Celso/ Cintra, Luis F. Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ª ed., 1985.

Davidson, Donald, *Handlung und Ereignis* (=stw 895), Frankfurt am Main, Suhrkamp, (=Essays on Actions and Events, Oxford, Oxford University Press, 1980).

Dias, Augusto Epiphania da Silva, *Syntaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, Clássica, 1954, 3ªed.

Franco, António/ Herhuth, Maria José Peres, *Esboço de uma gramática prática do português: versão alargada para o ICC Certificado de Português*, s.l. [Frankfurt am Main], Deutsches Institut für Erwachsenenbildung; Pädagogische Arbeitsstelle des DVV, 1996.

- Gärtner, Eberhard, *Grammatik der portugiesischen Sprache*, Tübingen, Niemeyer, 1998.
- Hare, R.M., "Wollen: einige Fallen" em: Meggle (1985, 246-264) (= "Wanting: Some Pitfalls", *Agent, Action, and Reason* (eds. Robert Binkley, Richard Bronaugh, Ausonio Marras), Oxford, Blackwell, 1971, p. 81-127).
- Hlibowicka-Weglarz, Barbara, "Algumas observações sobre o emprego do Futuro do Indicativo em polaco e em português", *Atas do 6º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Rio de Janeiro, 8 a 13 de agosto de 1999* (no prelo).
- Hundertmark Santos Martins, Maria Teresa, *Portugiesische Grammatik*, Tübingen, Niemeyer, 1982.
- Ilari, Rodolfo, *A expressão do tempo em português* (=Repensando a língua portuguesa), São Paulo, Context, educ, 1997.
- Johnen, Thomas, *Die Modalverben im Portugiesischen und im Deutschen: eine kontrastive Analyse*, Magisterarbeit [Dissertação de Mestrado], Bonn, Universität Bonn/ Philosophische Fakultät, 1992.
- Leys, Odo, "Das Ziel als Distanzbeziehung", *Leuvense Bijdragen* 85 (Leuven, 1996), p. 55-67.
- Luft, Celso Pedro, *Gramática Resumida: Explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*, Porto Alegre: Globo, 1978, 8ªed.
- Mateus, Maria Helena/ Brito, Ana Maria/ Duarte, Inês/ Faria, Isabel Hub, *Gramática da Língua Portuguesa* (=Col. universitária; Série Linguística), Lisboa, Caminho, 1989, 2ªed.
- Meggle, Georg (ed.), *Analytische Handlungstheorie, vol 1, Handlungsbeschreibungen* (=stw 488), Frankfurt am Main, Suhrkamp 1985.
- Meyer-Lübke, Wilhelm, *Romanische Syntax* (=Grammatik der Romanischen Sprachen 3), Leipzig, Reisland, 1899.
- Miranda, Zoé Beatriz de Almeida Gomes, *Aspectos do Comportamento Sintático dos Modais Dever e Poder*, Dissertação de Mestrado, Campinas, Unicamp, 1975.
- Nikonov, Boris A., *Grammatika portugal'skogo jazyka: prati eskij kurs dlja institutov i fakul'tetov inostranykh jazykov*, Moskva, Vyshaja Shkola, 1981.
- Oliveira, Maria de Fátima Favarrica Pimenta de, *Para uma semântica e pragmática de DEVER e PODER*. Dissertação de Doutorado, Porto, Universidade do Porto, 1988.
- Oliveira, [Maria de] Fátima [Favarrica Pimenta de]/ Lopes, Ana, "Tense and Aspect in Portuguese", *Tense Systems in European Languages II* (ed. Rolf Thierhoff) (=Linguistische Arbeiten 338), Tübingen, Niemeyer, 1995, p. 95-115.
- Pontes, Eunice, *Verbos Auxiliares em Português* (=Perspectivas Lingüísticas 10), Petrópolis, Vozes, 1973.
- Rehbein, Jochen, *Komplexes Handeln: Elemente zur Handlungstheorie der Sprache*, Stuttgart, Metzler, 1977.
- Rosa, Luciano Caetano da, "O futuro em português: um quasi-modo", *De orbis Hispani linguis litteris historia moribus: Festschrift für Dietrich Briesemeister zum 60. Geburtstag* (eds. Axel Schönberger, Klaus Zimmermann), Frankfurt am Main, DEE, 1994, p. 121-151.
- Sester, Franz, *Der Infinitiv im Neuportugiesischen auf Grund der Werke von Eça de Queiroz*,

Dissertation [Tese de Doutorado], Köln, Universität zu Köln, 1928.

Silva, Ademar da: *A expressão da futuridade na língua falada*, Tese de Doutorado, Campinas, Unicamp/IEL, 1997.

Siqueira, João Hilton Sayeg de, "Aspectos textuais do tempo verbal: o futuro e o condicional", *Estudos Lingüísticos 15: Anais de Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*, Santos, GEL, UNISANTOS, 1987, p. 417-424.

Sten, Holger, "L'emploi des temps en portugais moderne" *Danske Historisk-Filologisk Meddelelser* 46,1 (København, 1973), p. 1-321.

Takehara, José, "Aspectos verbais", *Anais: XIV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros*, Tóquio, Associação Japonesa de Estudos Luso-Brasileiros, 1980, 1-25.

Wunderlich, Dieter, "Modalverben im Diskurs und im System", *Sprache und Pragmatik: Lunder Symposium 1980* (ed. Inger Rosengren) (=Lunder germanistische Forschungen 50), Lund, Gleerup, p. 11-53.

Notas

1. Cf. p.ex. Sester (1928, 21); Dias (³1954, 247); Boléo (1965, 107); Hundertmark-Santos Martins (1982, 344); Cunha/Cintra (²1985, 449); Franco/Herhuth (1996, 23); Gärtner (1998, 32-33). Luft (⁸1978, 96) indica como significado de *ir* «momento futuro próximo», considerado porém o verbo como auxiliar de aspecto. Mateus/Brito/Duarte/Faria (²1989, 87) consideram *ir* como «presente do indicativo perifrástico».

2. Cf. Baleeiro (1988, 153); Mateus/ Brito/ Duarte/ Faria (²1989, 87); Oliveira/ Lopes (1995, 110); Silva (1997:8).

3. São Castilho (1967, 112) descrevendo o aspecto expresso por *ir* como «iterativo imperfectivo» e Barroso (1994, 149) descrevendo-o como «demarcação prospectiva». Takehara (1980) considera que *ir* pertence tanto à categoria de tempo quanto à categoria de aspecto descrevendo o aspecto expresso por *ir* como «expectativo».

4. São Meyer-Lübke (1899, 337), Pontes (1973, 125), Miranda (1975, 71), Costa (1976, 239), Almeida (1980, 200-201), André (²1982, 206), Azeredo (1990, 123).

5. Também Borba (²1991, 859) considera como «modalizador» o uso de *ir*+infinitivo no imperativo assim como para a assim chamada "negação enfática" com *vá (lá)*, *vai (lá)*, *vou (lá)* + infinitivo.

6. Seguimos aqui a denominação de Bybee (1988) que destingue entre *agent-orientated* (abrangendo os usos que implicam a ação dum agente) e *epistemic*.

7. Com *ir* e *haver de* o agente formador de objetivo acional e o agente realizador do objetivo acional não são necessariamente idênticos.

8. LUIZ, Edson: «Justiça: Policia Federal decide investigar a adoção de crianças por estrangeiros», em: *O Estado de S.Paulo* No. 28268 (28/07/1998), p. A11.